

## **A FORMAÇÃO DOCENTE NA PRÁTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO PIBID DE LETRAS**

Daniel Hermino Pereira<sup>1</sup>  
Dr. Demétrio Alves Paz<sup>2</sup>  
Dra. Jeize de Fátima Batista<sup>3</sup>  
Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves<sup>4</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A docência verdadeira é o chão batido de escola, é a peleja diária com a realidade crua. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) apareceu como ponte, uma chance dourada de atravessar desde cedo a distância entre a teoria que se sonha e a prática que se enfrenta.

Este trabalho é o relato das experiências formativas que vivi e estou vivendo no PIBID, entre abril de 2023 e março de 2024, retomadas em novembro de 2025 com previsão de encerramento em novembro de 2026, em escolas públicas de Cerro Largo/RS. Há aqui as minhas observações iniciais como ouvinte, mas também minha lenta metamorfose em professor tropeçando, aprendendo, tentando fazer sentido das coisas.

### **1. METODOLOGIA**

A metodologia deste relato foi fundamentada em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, focada na experiência empírica do participante enquanto bolsista do PIBID. As atividades realizadas incluíram observação participante nas salas de aula do 6º ao 9º ano, entre os meses de setembro a dezembro de 2023, por meio de intervenção didática com mediação pedagógica em oficinas de leitura e produção textual, apoio em atividades extracurriculares (como acompanhamento dos estudantes em momentos de recreação), além de registros reflexivos em diários de bordo.

A análise das experiências ocorreu de forma indutiva, a partir da coleta de percepções, sentimentos, dificuldades e conquistas vividas no ambiente escolar. As ações foram orientadas pelos preceitos da pesquisa ação, respeitando os princípios éticos de atuação em ambientes educativos e sempre buscando o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo sobre a prática docente.

### **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Para compreender essa travessia, busquei apoio em Geraldi (2010, p. 82-

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus – Cerro Largo. Bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação a Docência. [danihermino@gmail.com](mailto:danihermino@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela PUCRS. Orientador. Professor de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa. [demetrio.paz@uffs.edu.br](mailto:demetrio.paz@uffs.edu.br)

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela UNRITTER. Orientadora. Professora de Língua Portuguesa, Estágio Supervisionado e Práticas de Ensino de LP. E-mail: [jeize.batista@uffs.edu.br](mailto:jeize.batista@uffs.edu.br)

<sup>4</sup> Doutora em Letras pela UFSM. Orientadora. Professora de Língua Portuguesa e Linguística. E-mail: [acgteixeira@uffs.edu.br](mailto:acgteixeira@uffs.edu.br)

100), que enxerga a aula como um acontecimento vivo, tecido na tensão com o inesperado, no embate com o real. A prática docente, nessa visão, não se escreve em linhas duras de um roteiro pronto, mas se desenha como campo aberto de possibilidades. Na mesma linha, o autor provoca: o ensino da língua portuguesa deve ser centrado no uso vivo da linguagem, não na repetição vazia de regras mortas. O texto é ação, encontro, construção.

Neves et al. (2011, p. 15-18) reforçam que ler e escrever na escola não devem ser encarados como simples habilidades técnicas. São práticas sociais profundas, ligadas ao tecido da vida, muito além da decoreba de normas, trata-se de formar sujeitos capazes de ler o mundo em suas múltiplas linguagens.

É nesse espírito que Bajour (2012, p.78-87) nos chama à escuta verdadeira: promover a leitura na escola precisa ser um gesto de aproximação, nunca de imposição, uma dança respeitosa entre vozes distintas, celebrando a diversidade e o eco dos múltiplos mundos possíveis.

Por fim, para alcançar uma leitura “sem adjetivos”, Andruetto (2012, p. 54-70) nos convida a mergulhar no texto tal qual ele é, sem vestir preconceitos ou juízos apressados, buscando antes entender o que o texto diz do que aquilo que gostaríamos que ele dissesse.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na E.E.E.F. Sargento Sílvio Delmar Rolenbach, cheguei cheio de medo e esperança. Voltava aos estudos depois de 26 anos afastado das salas de aula. Meus erros de gramática, minhas dificuldades em acompanhar a universidade, tudo ficou escancarado. Entrei no PIBID com o intuito de reaprender o básico, para lembrar o que o tempo tentou apagar. Igualmente, quis ser exemplo para os mais jovens, mostrando que não é comum ver um aluno com mais de 50 anos estudando para se tornar professor, numa fase em que muitos já são mestres experientes.

Comecei observando turmas do 6º e 7º anos, participando de rodas de leitura, corrigindo textos, ajudando a organizar ideias. Foi um choque perceber como atividades simples, como produção de slides ou dramatização de textos, podiam mudar a disposição da turma. Ali entendi que educar é construir pontes entre mundos distantes. Minhas colegas Laura e Giovana, bem mais jovens e em níveis mais avançados do curso de Letras, enriqueceram minha experiência. Observei cada detalhe como um aprendiz atento.

Na E.E.E.F. Padre Treazel, mergulhei com os alunos do 9º ano no estudo dos artigos definidos e indefinidos. Sem celulares atrapalhando, vi o esforço deles em consultar dicionários físicos, parecia tarefa de arqueologia. Um aluno resmungou: “Professor, aqui não é igual no Google, não!”. Dei risada, mas refleti: o tempo deles é outro. Aprendi com a professora Andreia que a prática com materiais físicos é vital. Ela me ensinou: “Você precisou ir até a biblioteca, pegar o dicionário, procurar a palavra, escrever. Não é como no online que aparece em segundos.” Compreendi a importância de ensinar com modernidade sem abandonar o passado.

Na E.M.E.F. Otto Flach, sigo trabalhando como observador nas turmas do 6º ao 9º ano. A realidade é ainda mais dura: dificuldades de aprendizagem e concentração gritam em cada canto. Estou me adaptando às atividades, mudando abordagens, ouvindo muito, falando pouco, atento às necessidades dos estudantes. Cada aluno carrega no rosto a marca das noites maldormidas, dos vazios familiares, mas também dos sonhos. Sob a orientação da professora Veridiana, busco incentivar a leitura, a escrita e a interpretação de textos.

Essas experiências me mostraram que o ofício do professor não se ensina só no quadro-negro: ele nasce da convivência, da escuta e do afeto. Vejo a necessidade urgente de um apoio psicológico e assistencial organizado para todos os estudantes, a fim de melhorar seus desempenhos nas atividades escolares e também melhorar a qualidade de vida de cada um deles.

Transpor o que se aprende nos livros para a sala de aula não é fácil. Cada turma é um ser diferente: exige nova fala, nova escuta, novas ferramentas. Percebi que ouvir e ser ouvido faz toda a diferença. Incentivar a participação torna o aluno mais confiante para aprender com suas próprias experiências e com as experiências dos outros.

A gestão de sala, especialmente com estudantes em vulnerabilidade, é um desafio imenso. Vejo olhares cansados, a fome por atenção, o peso das histórias não contadas. Sem acolhimento, sem criar espaço de confiança, nenhuma metodologia funciona.

Também luto contra meus próprios demônios: inseguranças, medo de errar, receio de não dar conta. Mas é nesse embate que pretendo crescer como futuro professor. Sei que educar é muito mais que transmitir conteúdos: é cuidar de almas em construção. É preparar estudantes para chegarem à universidade mais qualificados e prontos para vencer os desafios acadêmicos.

Nas três escolas, a proibição dos celulares ajuda na concentração, mas os problemas vão além da tecnologia. Será que dormem bem? Têm com quem conversar? São ouvidos? A psicologia educacional deveria caminhar lado a lado com a prática pedagógica. Sonho em poder ajudar a construir esse caminho. Creio que todas as escolas públicas deveriam ter um Setor de Assuntos Estudantis (SAE). Desse modo, todos os estudantes poderiam ser assistidos, melhorando seu desempenho nos estudos.

Ao mesmo tempo, vivo momentos lindos: vejo alunos encantados com histórias, participando das interpretações de texto, buscando construir significados juntos. Na Escola Sargento Sílvio, vi professoras firmes, lutando para manter a ordem sem sufocar a criatividade. Na Escola Padre Treazel, ajudei na confecção de trabalhos em EVA, ajudei minha colega de curso, Natiele, na criação de uma frase para a Semana da Consciência Negra, contribuindo para valorizar a luta, a história e a resistência do povo negro, supervisionando recreios, emocionado ao ver alunos descobrindo palavras no dicionário como quem acha tesouros.

Agora, na Escola Otto Flach, o foco é o desempenho acadêmico em todos os sentidos. Sob a orientação da professora, faço apontamentos para melhorias na qualidade de vida dos estudantes. Uso frequentemente livros da biblioteca para dar exemplos positivos e incentivar o amor pela leitura. Percebo que é necessário realizar um trabalho de conscientização com os alunos sobre a importância do respeito mútuo para o desenvolvimento humano e o trabalho em equipe. Desse modo, todos ganharão mais tempo em sala de aula para aprender, em vez de perderem tempo discutindo diferenças.

## CONCLUSÃO

O PIBID não é apenas um programa: é uma travessia, um rito de iniciação à docência, uma ferramenta poderosa para a formação de futuros professores que irão preparar gerações para serem bons cidadãos, construtores de uma sociedade mais justa, igualitária e preparada para os desafios da vida.

Após cada visita que faço às escolas, saio delas com a certeza de que ser

professor é estar sempre em construção, ser um eterno aprendiz, um ser curioso, um ser resistente. É, também, não desistir de nenhum aluno, é manter pensamentos positivos, palavras positivas, atitudes positivas, mostrando pelo exemplo que todo estudante é capaz de aprender e evoluir.

Compreendo que o ensino é, acima de tudo, um ato político, amoroso e profundamente humano. Nenhuma tecnologia, nenhuma teoria substitui a presença viva do professor em sala, este corpo que acolhe, questiona, provoca e transforma. Saliento que nenhuma inteligência artificial substituirá a inteligência humana. Como afirma o meu orientador no PIBID: “somos mais inteligentes do que quaisquer máquinas.” A inteligência humana é feita de emoção, experiência, intuição e criatividade, forças que nenhuma tecnologia será capaz de replicar plenamente.

Mais do que aprender a dar aulas, estou aprendendo a ser mais humano. Isso é algo que nem o melhor diploma do mundo pode garantir. Assim, acredito firmemente em uma educação melhor para todos, para que o futuro do Brasil no campo educacional seja repleto de conquistas e contribua para o desenvolvimento do país.

## REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, Maria Tereza. **Por uma leitura sem adjetivos**. São Paulo ed. Pulo do Gato, 2012.
- BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta na formação de leitores. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- GERALDI, João Wanderley. **Aula como Acontecimento**. São Carlos: Pedro e João editores, 2010.
- NEVES, Conceição Bitencourt et all (Org). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.